

EDITORIAL

É a primeira vez que a revista *Estudos Bíblicos* dedica um número especial aos Manuscritos do Mar Morto e do Deserto da Judeia. Sem dúvida, é uma feliz e oportuna iniciativa de um grupo de exegetas e estudiosos de São Paulo. O conteúdo dos artigos irá suprir uma lacuna nessa área e, certamente, provocará estudos ulteriores.

Edson de Faria Francisco apresenta uma introdução geral aos principais Manuscritos do Mar Morto, encontrados em Qumran, Wadi Murabba'at, Naḥal Ḥever e Massada. O autor focaliza, sobretudo, os aspectos característicos e históricos e, de modo conciso, comenta as descobertas mais relevantes dos manuscritos bíblicos ali encontrados. É uma excelente introdução para quem deseja iniciar-se no conhecimento dos Manuscritos do Deserto da Judeia, acompanhada de uma exaustiva bibliografia.

Clarisse Ferreira da Silva concentra seu estudo sobre os manuscritos de Qumran encontrados nas 11 grutas nas proximidades de uma ruína chamada Ḥirbet, possível moradia da comunidade que produziu os manuscritos. Destaca alguns dos principais temas associados aos Manuscritos do Mar Morto, bem como sua relação com o rabinismo e o cristianismo. Esclarece ainda sobre os essênios e outras seitas dentro do judaísmo daquele tempo. O estudo é acompanhado de ampla bibliografia, preciosa para quem deseja aprofundar-se no conhecimento dos manuscritos de Qumran.

Valmor da Silva, no seu artigo *Do Mar Morto ao Brasil*, apresenta um panorama das publicações sobre os manuscritos de Qumran, desde as descobertas até 2003. Distingue duas fases: de 1947 a 1999 e de 2000 a 2003. Na primeira fase, a repercussão da importância das descobertas de Qumran e de seus manuscritos foi tímida no Brasil. Os conhecimentos giraram em torno de notícias, alguns poucos estudos e traduções dos Manuscritos de Qumran. Convém lembrar a tradução feita por Florentino García Martínez diretamente dos originais para o espanhol, depois traduzida para o português por Valmor da Silva: *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995, 582 p. Na segunda fase, entre 2000 e 2003, as notícias em

jornais e revistas são mais frequentes; publicam-se alguns estudos especializados e as primeiras dissertações e teses são produzidas.

Fernando Mattioli Vieira dedica seu estudo sobre “*A halakhah de Qumran: entre a tradição e a inovação*”, baseando-se na análise de dois documentos: *11QT* e *1QS*. O significado básico de *halakhah* vem do verbo *halakh* que significa *ir, caminhar*.

Assim, a *halakhah* pode ser definida como “um caminho pelo qual os indivíduos deviam andar/ir”. O autor lembra que no período do II Templo (de 515 a.C. a 70 d.C.) havia uma considerável variedade de grupos religiosos dentro do judaísmo. Cada grupo tinha sua *halakhah* própria, o que viabilizou uma interpretação da Lei mais adaptada à vida concreta do grupo, permitindo um equilíbrio maior entre a fidelidade à tradição e a inovação criativa. Com a ascensão do judaísmo rabínico, após a destruição do Templo, a inovação criativa da *halakhah* cedeu lugar a uma fidelidade mais estática, ligada à tradição. A *halakhah* acabou sendo padronizada.

Gilvan Leite de Araujo e Leonardo Henrique da Silva estudam “O messianismo de Qumran e o Quarto Evangelho”. Quando os primeiros Manuscritos de Qumran foram publicados, os pesquisadores têm chamado atenção para a nova luz lançada sobre as tradições teológicas do Novo Testamento, de modo particular sobre o Quarto Evangelho e os escritos joaninos. O foco principal do presente estudo é o messianismo do Quarto Evangelho, que se distancia daquele apresentado nos evangelhos sinóticos e se aproxima do messianismo de Qumran. Esclarece também a relação dos essênios com Qumran e destes com a comunidade de João; trata também da possível relação dos samaritanos com Qumran. Os autores constatarem que, sessenta anos após as descobertas de Qumran, as pesquisas sobre a relação entre Qumran e a literatura joanina têm aumentado. Sugerem ainda Qumran e a “tradição” samaritana como dois novos nichos de pesquisa, nos quais a origem da comunidade joanina e seu legado poderiam ser estudados.

Os estudiosos, e os leitores em geral, encontrarão neste número de *Estudos Bíblicos* um riquíssimo material que ilustra a enorme importância dos manuscritos, encontrados em Qumran e no Deserto da Judeia, para o estudo da Sagrada Escritura.

Ludovico Garmus